

# **A NUTRIÇÃO NA CONCEPÇÃO CIENTÍFICA MODERNA: EM BUSCA DE UM NOVO PARADIGMA**

**Maria Lúcia Magalhães BOSI<sup>1</sup>**

## **RESUMO**

Este ensaio discute a necessidade de uma ampliação no referencial teórico em Nutrição a partir de uma revisão do conceito de homem e de vida presente na visão atualmente hegemônica nessa área do conhecimento. A partir da explicitação dos principais pressupostos que orientam a concepção dominante, a autora apresenta alguns subsídios para a elaboração de uma abordagem que contemple a pluridimensionalidade do fenômeno Nutrição. Secundariamente, a análise busca apontar alguns desdobramentos que essas distintas concepções apresentam no nível concreto das práticas.

Termos de indexação: filosofia, holismo, nutrição.

## **ABSTRACT**

### **THE MODERN SCIENTIFIC CONCEPTION ABOUT NUTRITION: IN SEARCH OF A NEW PARADIGM**

This article discusses the necessity of a change in the theoretical model concerning Nutrition starting from the

(1) Professora Adjunta do Núcleo de Estudos de Saúde Coletiva, NESC/UFRJ. Temporariamente alocada no Departamento de Saúde Comunitária do Setor de Medicina Social da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, Rua Prof. Costa Mendes, 1750, 60430-140 Fortaleza, CE.

redefinition of the concepts of man and life present in the predominant view in this field. Based upon considerations towards the main principles of that conception, the author presents some contributions to elaborate a new approach which values the various dimensions and the complexity of the phenomenon Nutrition. Simultaneously, the analysis aims to show some effects these different conceptions have on concrete practices.

Index terms: philosophy, holism, nutrition.

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho representa a síntese de uma reflexão que se nos impôs ao revisitarmos os resultados encontrados ao longo de uma investigação que há alguns anos realizamos sobre a concepção dominante na formação e prática da nutrição (BOSI, 1988).

Segundo acreditamos, todo conhecimento representa "uma reconstrução que não reflete mais do que as qualidades de um momento interativo estabelecido entre o homem e seu objeto de análise e os traços da realidade que essas qualidades iluminam circunstancialmente" (BRAGA, 1989).

Sendo assim, colocou-se para nós a necessidade de reexaminar o material na tentativa de pôr em relevo novas "faces ocultas" do conhecimento científico, produtos de uma releitura orientada por um novo olhar sobre o objeto.

Não era nossa intenção retomar a Nutrição como formação discursiva per-si. Ao contrário, nosso interesse já se encontrava voltado para a prática dos nutricionistas, nosso atual objeto de investigação. Entretanto,

"Pensar dialeticamente significa que não há arbitrariedade no movimento do pensar; que certo passo mental obriga a

outro bem determinado... No pensar dialético cada momento intelectual não leva e não importa qual outro, mas ao que se descobre e se nos impõe desde uma certa perspectiva do real. Trata-se de uma "dialética do real": é a própria coisa que empurra o pensamento e o obriga a coincidir com ela" (ORTEGA Y GASSET. *Idea del Teatro*, 1958).

"A coisa vista de um nível descobre-nos uma outra vertente de si própria" (PINA PRATA, 1962).

Assim foi que nossas indagações relativas à prática de uma categoria profissional acabaram nos conduzindo à própria essência do objeto dessa prática e à necessidade de analisar seus vários lados tal como Ortega recorda nas palavras de Dilthey: "das leben ist eben mehrseitig"<sup>2</sup>. Mais do que vários lados, cada fato ou fenômeno apresenta muitas dimensões, e a Nutrição não parece fugir à regra.

O fato de a Nutrição como proposta de discurso científico reduzir seu objeto às estruturas observáveis de modo "objetivo" e fragmentado - o como - não exclui a necessidade de se perguntar o porquê dos fenômenos e a sua natureza. Ainda que esse movimento não resulte facilmente em conhecimentos legítimos do ponto de vista da ciência moderna - imersa nos fundamentos da abordagem cartesiana, positivista - parece-nos fundamental fazê-lo, se quisermos caminhar na direção de um conhecimento que possa recuperar a totalidade dos fenômenos e superar a dissociação que caracteriza os recortes "científicos" na atualidade (CAPRA, 1986).

Esta reorientação que a reflexão filosófica trouxe a nossa investigação, levou-nos à convicção de que para analisar a(s) prática(s) dos nutricionistas seria, antes necessário responder à questão - talvez a mais essencial - o que é Nutrição? Até porque, cada prática exprime uma certa concepção e sua transformação subentende teoria.

(2) "A vida tem precisamente vários lados" (ORTEGA Y GASSET. *Idea del Teatro*, 1958).

Evidentemente, não pretendemos apresentar aqui enunciados consistentes já que a nossa reflexão sobre o tema ainda principia. Por ora, somente apontaremos alguns novos ângulos que se apresentaram ampliando nossa leitura da concepção dominante, a partir da incorporação (além das dimensões biológica e social) de outras como a metafísica e a psico-afetiva presentes nos fatos vitais, dentre os quais podemos situar a relação homem/alimento.

Em outras palavras, o que buscamos é um conhecimento que possa integrar esta relação (homem/alimento) numa visão "holística" de modo a recuperar algumas dimensões ausentes no enfoque predominante.

O termo Holismo origina-se de "holos" que em grego significa "inteiro", "completo" e expressa uma tendência que se supõe seja própria do universo, a de sintetizar em totalidade as unidades, os fragmentos (FERREIRA, 1985). Na concepção holística o todo representa mais do que a soma das partes, na medida em que nele são encontradas propriedades que não podem ser explicadas tampouco reduzidas a relações entre seus elementos ou partes (RIOS, 1987).

Dessa forma, a abordagem holística que tem como uma das suas expressões a interdisciplinaridade pretende compreender os fenômenos integrando-os numa totalidade mais ampla, partindo portanto, de um referencial distinto do enfoque hegemônico da ciência contemporânea.

É interessante ressaltar que esse saber já vem sendo questionado na Nutrição - num movimento que nos parece geral nas diversas disciplinas - primeiramente a partir da inclusão da categoria social na análise da saúde e mais recentemente pela influência de outras concepções filosóficas e seus desdobramentos práticos.<sup>3</sup> Apesar disso, seria ingenuidade julgar que a concepção dominante - que reduz a nutrição a um fenômeno biológico/metabólico - tenha

(3) Cabe destacar a filosofia oriental e a medicina tradicional como exemplos.

perdido vigência. Essa é, ainda, a visão que parece predominar no meio acadêmico, na prática dos técnicos e na política setorial (BOSI, 1988).

Num exercício que, como já ressaltamos, apenas pode ser tomado como uma primeira aproximação ao tema, tentaremos primeiramente indicar os traços ou elementos gerais da concepção dominante para depois apontar o que, a nosso ver, poderia constituir um primeiro conjunto de elementos em direção a uma "nova" abordagem em Nutrição.

### **Visão dominante - síntese dos elementos centrais**

**- A concepção dominante parte de uma visão reducionista do homem - toma como base o indivíduo - e um indivíduo orgânico, já que não considera o social-histórico e a singularidade dos sujeitos. Como entender a gênese dos problemas, quer numa concepção individual quer numa visão coletiva?**

Nessa abordagem o homem é reduzido a um corpo em sua dimensão biológica. As dimensões relacionais, afetivas, psíquicas, metafísicas não são valorizadas.

Mas ao alimentar-se, o homem não é uma máquina que consome calorias: muitas outras energias são mobilizadas nesse ato "natural", conforme apontaremos adiante.

**- A análise dos vários momentos da relação homem/alimento é parcial e fragmentada, o que impossibilita ou dificulta a integração das partes e o reconhecimento dos efeitos sinérgicos, bem como sua compreensão em função de uma totalidade.**

Um dos exemplos mais marcantes desta fragmentação é a cisão corpo/mente, fato que hoje está sendo fortemente contestado na área da saúde, particularmente no domínio da chamada "Medicina psicossomática".

Além disso, essa fragmentação e a conseqüente separação mecânica das partes, leva à idéia de realidade como soma de partes

isoladas, o que elimina aquelas propriedades que não podem ser contidas em cada fragmento (CAPRA, 1986).

Por outro lado, o método experimental - base do conhecimento moderno - elimina toda e qualquer dimensão que não pode ser demonstrada pelo aparato científico da modernidade. Ora, sendo a Nutrição um objeto fundamentalmente pluridimensional e situado na interface de várias disciplinas, pode-se facilmente depreender os prejuízos que essas premissas acarretam à compreensão do fenômeno.

**- Outra característica central desse enfoque é a referência a um "homem médio", um homem "normalizado" - padrão que servirá como base para a determinação experimental de limites admissíveis para o consumo, gasto, preferências alimentares etc.**

Na medida em que esse paradigma considera o grupamento humano homogêneo, a singularidade dos sujeitos é negada, o que leva à impossibilidade de se dar conta das múltiplas respostas e comportamentos que se revelam na interação homem/alimento.

**- Conseqüência da "naturalização" dos problemas nutricionais, a visão de sua determinação social é basicamente monocausal - determinismo absoluto - ou multicausal - esta última, na maioria dos casos, levando a uma indeterminação. Ambos os modelos não considerando a historicidade dos fenômenos e os diferentes níveis de determinação (segundo o destaque dado ao plano dos efeitos e ao indivíduo orgânico como unidade de análise) não permitem a visualização da complexa determinação dos problemas tampouco instrumentalizam os técnicos para a busca da sua superação (JONSSON, 1981; VALENTE 1986; BOSI, 1988; BOSI, 1992a).**

Como uma extensão desse aspecto, nota-se a tendência de considerar a má nutrição - sobretudo a desnutrição - como uma "disfunção" do modelo de desenvolvimento, modelo que é julgado como capaz de "solucionar" os problemas já que não lhe são inerentes e finalmente,

- No nível das intervenções, a ênfase volta-se predominantemente para os efeitos. Efeitos esses que remetem para processos biológicos ligados à nutrição e só muito secundariamente para sua prevenção, tanto no plano individual como no coletivo. Deriva daí uma grande dificuldade de visualização e análise das causas profundas (ou básicas) dos problemas o que vai definir uma tendência para práticas curativas, pouco eficazes para uma erradicação e prevenção efetivas.

#### **Traços gerais de uma concepção holística:**

- A humanidade não é uma soma ou conjunto de indivíduos iguais. Os seres humanos são heterogêneos e a normalidade, o homem médio do discurso dominante, é uma abstração. A heterogeneidade parece ser a regra e a normalidade a exceção (NEFFA, 1988).

Exatamente porque o ser do homem não nasce feito, a espécie humana, em seu caminhar e agir diários, é de "uma instabilidade e variabilidade incomparáveis à dos animais". Em síntese:

"Os homens são enormemente desiguais, contra o que afirmam os igualitários dos dois últimos séculos e continuam afirmando os arcaicos do presente" (ORTEGAY GASSET, 1963).

- Alimentar-se é uma necessidade. Uma necessidade não só para viver mas para viver bem.

"Viver é pois a necessidade originária de que todas as demais são meras conseqüências" (ORTEGAY GASSET, 1963).

O discurso científico da nutrição parte de um conceito biológico de vida. Daí a nutrição ter que satisfazer necessidades orgânicas, como se o ato de alimentar-se fosse apenas um ato racional, de busca de alimentação qualitativa e quantitativamente

suficiente no aspecto do seu conteúdo nutricional. O que é preciso demonstrar é que se busca muito mais nos alimentos, e estar bem nutrido exige a consideração de muitas outras dimensões constitutivas dos dois polos da relação: o homem e o alimento.

**- A nutrição é um fenômeno pluridimensional, que envolve:**

- . o corpo
- . os sentidos (prazer)
- . a vida de relação (ritual)
- . o intelecto
- . o afeto
- . o social - relações sociais

Vários são os estudos que apontam a complexidade da relação homem/alimento, situando-a para além de um ato eminentemente fisiológico.

WILKINSON (1992) ilustra a contribuição dos estudos antropológicos na área ao afirmar que "O significado do alimento ultrapassa a dimensão nutricional. Ele abrange a sabedoria empírica acumulada, mas contém, em grande parte magia e ritual". Para esse autor, o alimento se reveste de um valor simbólico de tal forma que "mudar o regime de um povo implica em tocar em sua identidade social e em suas relações com o sagrado".

FOUCAULT (1990) também elabora a questão quando afirma que "...a dieta é uma categoria fundamental através da qual pode-se pensar a conduta humana". O regime seria "toda uma arte de viver".

Algumas vertentes reconhecem a dimensão metafísica e reincorporam o conceito de energia proveniente de outras orientações filosóficas (AIVANHOV, 1983; AUTEROCHÉ & NAVAILH, 1986).

Como se vê, a questão é complexa e os diferentes olhares não são mais do que perspectivas diversas de um objeto que os transcende.



Assim, não parece se justificar "cientificamente" o predomínio da dimensão biológica sobre as demais.

Quanto ao enfoque social, seu desenvolvimento tem nos permitido um grande avanço na compreensão da nutrição numa dimensão coletiva. A incorporação do referencial teórico metodológico das Ciências Sociais, particularmente do materialismo histórico, nos estudos realizados em Nutrição permitiu o desvendamento de seus determinantes, reorientando não só a formação e a prática mas também a crítica às ações no setor (GEORGE, 1978; BALDIJÃO, 1979; OMAWALE, 1984; ABRAMOVAY, 1985; MINAYO, 1986; BOSI, 1988; MIRANDA NETO, 1988; SANTOS, 1988; VALENTE, 1988)

Entretanto, se essa produção se apresenta como uma importante contribuição à superação da redução operada pela visão estritamente biológica, em muitos casos ela ainda se distancia de uma visão holística em nutrição na medida em que despreza outros conteúdos implícitos no fenômeno; noutras palavras, o fato de a vertente social ter grande poder explicativo dos determinantes sociais, não quer dizer que englobe tudo.

JONSSON (1979) já nos alertava para a possibilidade da própria vertente marxista representar uma abordagem reducionista ao problema da fome, se não for colocada dentro de uma perspectiva interdisciplinar. Uma consulta à maior parte do que se produziu em nome ou a partir de Marx, certamente tornará o alerta de Jonsson compreensível.

Por outro lado, nos últimos anos vem crescendo o debate em torno da necessidade de uma revisão do próprio marxismo, julgada por alguns imprescindível à sua ampliação (FLIKINGER, 1984; IANNI, 1990).

Ora, como sabemos, a obra de Marx coerentemente com o princípio básico de sua metodologia leva a marca da totalidade; desta forma, o movimento do materialismo dialético em nada se opõe ao que aqui se considera uma concepção holística. SARTRE (1987) em seu texto clássico "Questão de Método" parece nos auxiliar nesta

argumentação quando afirma que embora “o marxismo aborde o processo histórico com esquemas universalizantes e totalizadores (...) em nenhum caso, nos trabalhos de Marx, esta perspectivação pretende impedir ou tornar inútil a apreciação do processo como totalidade singular (...) Assim, **o marxismo vivo é heurístico...**” (grifos nossos).

Neste mesmo sentido, MINAYO (1992) nos diz que o caráter de abrangência da obra de Marx que “tenta, a partir de uma perspectiva histórica, cercar o objeto de conhecimento através da compreensão de todas as suas mediações e correlações, constitui a riqueza, a novidade e a propriedade da dialética marxista para a explicação do social”.

Portanto, parece que o que precisa ser buscado é a recuperação dos fundamentos bem como das potencialidades - ainda que não totalmente exploradas - do pensamento original de Marx, de modo a não destituir a produção do conhecimento do necessário movimento dialético.

Do contrário, teremos se muito a redução do Marxismo a “esquemas doutrinários” ou “meras especulações em relação à realidade”, o que a nosso ver, não deve ser confundido com a proposta original.

“É no interior da concepção de totalidade dinâmica e viva que se coloca o princípio de união dos contrários que contrapõe a dialética a qualquer sistema maniqueísta ou positivista” (MINAYO, 1992).

Finalmente no que se refere à metodologia dialética, ainda citando Minayo, é preciso se ter em mente que seu desenvolvimento é uma prática que se sustenta não apenas no conhecimento técnico mas na postura intelectual bem como na própria visão social de quem a pratica.

**- Os problemas nutricionais afetam a sociedade e não indivíduos desvinculados uns dos outros.**

"... tudo está em tudo. Cada uma das coisas derrama sobre as demais a sua "mística sombra" e todas necessitam mutuamente umas das outras como a pedra mais pequenina precisa do mundo inteiro para existir" (PINA PRATA, 1962).

De fato, se analisarmos a gama de determinantes envolvidos na continuidade dos problemas nutricionais, veremos que seus efeitos não se restringem aos seres humanos que são suas vítimas.

Há que se considerar o movimento e a integração dos diversos fatores ou determinantes. É a partir daí, poder-se-á entender a Nutrição dentro do que hoje entendemos como uma questão ecológica num sentido amplo. Queremos com isto afirmar que a Nutrição como questão deve fazer parte de uma totalidade. Ao contrário do que o termo "ecológico" pode sugerir, nossa concepção de ecologia se aproxima da de BRUNDTLAND (1991) que discorda da visão estreita daqueles que limitam o problema ecológico às questões ambientais estrito senso. No debate atual sobre ecologia "o meio ambiente não existe como esfera desvinculada das ações ambientais e necessidades humanas".

Ao colocar a Nutrição e sua problemática dentro de uma perspectiva ecológica lato-senso queremos reafirmar um novo enfoque global que interrelacione as dimensões físicas, econômicas, políticas e sócio-culturais e retirá-la do enfoque conservador que considera o meio-ambiente como algo natural ou "naturalizável".

Como destaca SCHRAM (1992) "de fato, ambiente, desenvolvimento e condições de saúde (e nutrição, diríamos) formam um único problema, multifatorial e complexo, cuja solução impor-se-ia como um dos principais desafios do futuro próximo e comum da espécie humana no seu conjunto".

Assim, combater a fome, bem como a miséria e a ignorância, deve fazer parte da agenda de todos os países no sentido de superar as "ecodesigualdades" que hoje comprometem a própria

sobrevivência do planeta, e não indivíduos isolados (BITTENCOURT et al., 1992).

**- A Fome não é uma realidade natural. Sua erradicação é possível e deve ser buscada.** Como um desdobramento das idéias anteriores, é preciso “desnaturalizar” a fome e enxergá-la numa nova perspectiva.

A concepção dominante quando aborda os problemas nutricionais num enfoque coletivo, parte da existência da fome sem questioná-la radicalmente. É como se não houvesse sociedade sem Fome ou se a Fome fosse uma espécie de característica “congenita” de certos grupos sociais. É a naturalização de que antes falávamos ao comentar os pressupostos, da visão dominante.

No nível das práticas do setor, parte-se para a correção dos efeitos sem propor prevenção. Ainda que medidas curativas de importância possam ser propostas, estas não devem ser vistas como alternativa à prevenção (BITTENCOURT et al., 1992; BOSI, 1992).

A causalidade dos problemas nutricionais é múltipla e complexa. Para entendê-la é preciso analisar seus diferentes determinantes o que implica numa abordagem interdisciplinar.

A situação nutricional alimentar de um dado grupo social é a resultante de um processo dinâmico e em permanente mutação, já que é fundamentalmente histórico<sup>4</sup>.

JONSSON (1981) sugere que se analise a questão a partir da consideração de diferentes níveis. Estes abarcariam desde as manifestações visíveis comumente reconhecidas como sintomas ou sinais, até suas causas básicas - os macro determinantes sociais - passando pelas causas “imediatas” e “mediatas”.

Esse mesmo autor destaca que a maior parte das pesquisas relativas à problemática nutricional se detém nos sintomas e causas imediatas relegando um segundo plano as causas básicas (históricas,

(4) Não retomaremos aqui a discussão acerca da causalidade dos problemas nutricionais. O leitor interessado poderá consultar dentre outros trabalhos, alguns referidos ao final deste artigo, particularmente o trabalho de JONSSON, V. As causas da fome, encontrado em VALENTE, F. L. S., 1986.

econômicas, políticas etc.) cuja compreensão parece fundamental à superação dos problemas no setor.

Em síntese, não se deve, adotar um ponto de vista que reduza a cadeia causal à sua dimensão biológica. Há um contexto macro e um micro que devem ser considerados de modo a integrá-los.

-O alimento (e conseqüentemente o bom estado nutricional) não é uma mercadoria. Alimentar-se é um direito e uma necessidade humana que não podem ser monetizados. Faz-se necessário um acesso democrático ao alimento o que quando não ocorre deve ser entendido como uma decorrência da desigualdade social existente, o que irá claramente repercutir na prevalência de problemas nutricionais de diferentes naturezas.

Por outro lado, os seres humanos que sofrem as diferentes formas e graus de má nutrição não podem ser culpabilizados de modo indiferenciado. Conforme apontamos no item anterior, é preciso que se entenda sua complexa determinação para que se possam apontar caminhos.

Finalmente acreditamos, genericamente, nenhum grupo social escolheria voluntariamente sofrer deficits ponderais - estaturais, intelectuais ou até morrer. Este comportamento pode até existir mas em caráter excepcional. O que os seres humanos buscam é viver, ainda que sob condições extremamente adversas.

Portanto, se ainda há muitas mortes por inanição, isso significa que há ainda muitas vítimas de um modelo de organização social que concentra poder e riqueza na mão de uma minoria na qual, aliás, nunca se verificaram problemas de desnutrição.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, conforme procuramos apontar nas páginas anteriores, o curso futuro dos estudos em Nutrição deverá também

buscar contribuir para a construção de um referencial em Nutrição que, partindo de uma redefinição do conceito de homem e de vida, possa situar a Nutrição num outro patamar. Há que tornar explícito e, na medida do possível demonstrar que existem dimensões subjetivas bem como diversos outros aspectos envolvidos no ato de alimentar-se, um ato que só de um ponto de vista muito superficial pode ser considerado estritamente fisiológico.

No que tange à dimensão coletiva, é preciso que se analisem os diferentes momentos da relação homem/alimento - o momento da produção, do consumo e da utilização - a partir de um enfoque pluridimensional, que também considere para cada um deles as dimensões presentes no nível individual e o sinergismo existente entre todos os elementos.

Talvez assim possamos construir ou recuperar um outro referencial que leve a certas modalidades de prática, comprometidas com um enfoque global de homem e de vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, R. **O que é fome**. São Paulo: Brasiliense, 1985. 114p.
- AÏVANHOV, O. M. **O yoga da alimentação**. 2. ed. Lisboa: Provesta, 1983. 143p.
- AUTEROCHE, B. & NAVAILH, P. **O diagnóstico da medicina chinesa**. São Paulo: Andrei, 1986. 420p.
- BALDIJÃO, C. F. M. A desnutrição e o processo de acumulação de capital. **Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas**, São Paulo, n. 29, p. 49-53, jun. 1979.
- BITTENCOURT, S. A.; BOSI, M. L. M.; OLIVEIRA, E. S.; SILVA, D. O.; MENEZES, F. A. & MEDICI, A. C. Nutrição, meio ambiente e desenvolvimento: uma contribuição à Conferência Mundial de Ecologia e Meio Ambiente. In: LEAL, M. C.; SABROZA, P. C.; RODRIGUEZ, R. H. & BUSS, P. M. (Org.) **Saúde, ambiente e desenvolvimento**. São Paulo: HUCITEC, 1992. v. 2, p. 123-152.

- BOSI, M. L. M. **A face oculta da nutrição: ciência e ideologia**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988. 220p.
- \_\_\_\_\_. **O Estado Brasileiro e a alimentação**. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 266, p. 9-12, 1992.
- \_\_\_\_\_. **A questão social**. *Revista Proteção*, Novo Hamburgo, V. 4, n. 16, p. 86-87, 1992a.
- BRAGA, W. S. **Do outro lado do caleidoscópio**. Belo Horizonte: Mazza, 1989. p. 1-3.
- BRUNDTLAND, G. H. (org.) **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991. 400p.
- CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1986. 445p.
- FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 1499p.
- FLIKINGER, H. G. **O sujeito desaparecido na teoria marxiana**. Porto Alegre: L & PM, 1984. p. 9-24 (Filosofia Política, 1)
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1990. 232p.
- GEORGE, S. **O mercado da fome: as verdadeiras razões da fome no mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. 307p.
- IANNI, O. **A crise de paradigmas na sociologia**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 5, n. 13, p. 90-100, 1990.
- JONSSON, V. **As causas da fome**. In: VALENTE, F. L. S. (org.) **Fome e desnutrição: determinantes sociais**. São Paulo: Cortez, 1976. p. 107.
- MINAYO, M. C. de S. (org.) **Raízes da fome**. Petrópolis: Vozes, 1986. 185p.
- \_\_\_\_\_. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: HUCITEC, 1992. 269p.
- MIRANDA NETO, M. J. **Dominação pela fome**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988. 135p.

- NEFFA, J. C. **Que son las condiciones y medio ambiente de trabajo? Propuesta de una nueva perspectiva.** Buenos Aires: Unión Obrera Metalúrgica SECYT, 1988. 214p. (Mimeografado)
- OMAWALE. **Nutribusiness: an aspect of the political economy of persistent hunger.** *International Journal of Health Services*, West Point, v. 14, n. 2, p. 173-188, 1984.
- ORTEGA Y GASSET, J. **Meditación da tecnica.** Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1963. 135p.
- PINA PRATA, F. X. **Dialética da razão vital.** Lisboa: Moraes, 1962. 394p.
- RIOS, J. A. **Holismo.** In: DICIONÁRIO de Ciência Sociais. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987. p. 558-559.
- SANTOS, S. M. C. dos. **Nutricionista e sociedade: elementos para uma abordagem histórico-social da profissão.** Salvador: UFBA, 1988. 234p. Dissertação (Mestrado em Saúde Comunitária) Universidade Federal da Bahia, 1988.
- SARTRE, J. P. **Questão de método.** 3. ed. São Paulo: Nova Cultural. 1987. 191p. (Coleção Pensadores)
- SCHRAMM, F. R. **Ecologia, ética e saúde: o princípio de responsabilidade.** In: LEAL, M. do C.; SABROZA, P. C.; RODRIGUEZ, R. H. & BUSS, P. M. (org.) **Saúde, ambiente e desenvolvimento.** São Paulo: HUCITEC, 1992, v. 2, p. 233-257.
- VALENTE, F. I. A. **Reprodução ou ruptura.** *Caderno NESP*, Brasília, v. 1, n. 2, p. 53-67, 1988.
- WILKINSON, J. **Alimentos: entre o funcional, o simbólico e as necessidades básicas.** *Revista Tempo e Presença*, São Paulo, v. 14, n. 266, p. 21-23, 1992.

Recebido para publicação em 27 de maio  
e aceito em 1 de dezembro de 1993.